

O primeiro a acordar foi o menino. Demorou alguns segundos a perceber onde estava: no chão, em plena sala, com os pulsos e os tornozelos amarrados por um atilho. Um véu de bruma parecia enevoar-lhe a vista, e ele sentia um sabor estranho na boca, químico, que se sobreponha ao sabor fibroso do pano que o impedia de falar. Dir-se-ia que tinha as orelhas cheias de algodão e os sons pareciam distantes, como se estivesse debaixo de água. A maré de recordações veio ao de cima: viu a imagem da porta do seu quartinho a abrir-se; ele sorria, agitando um dos presentes acabados de receber, pronto a mostrá-lo, excitado, aos pais, mas aquele sorriso gelou ao ver o desconhecido que, num gesto fulminante, lhe borrifou qualquer coisa na cara, fazendo-o perder os sentidos.

Lorenzo Vincis sobressaltou-se logo que a neblina se dissipou e entreviu o desconhecido sentado à sua frente, de rosto tapado pelo passa-montanhas escuro. Ao seu lado, perscrutava-o uma câmara de vídeo digital montada num tripé, com o olho de vidro apontado para a criança e a sua família. A luzinha vermelha brilhante indicava que a máquina estava a gravar. O homem empunhava uma

pistola de cano comprido que levou aos lábios, intimando-o ao silêncio. Com a outra mão fazia festas na cabecinha de *Hendrix*, que gemia todo contente, babando-se para a tijoleira. O menino sentiu uma pontinha de ciúmes ao detetar aquela confiança entre os dois. Levantou a cabeça descaída e olhou para os pais: também eles tinham as mãos amarradas atrás das costas. O intruso amordaçara-os.

O menino tentou acordar o pai, abanando-o com um pé. Nicola estremeceu e esbugalhou os olhos. Ao ver a arma com silenciador na mão do desconhecido, tentou, por instinto, servir de escudo ao filho com o próprio corpo, colocando-se entre ele e o criminoso. O trapo que o impedia de falar sufocou os seus gemidos. Só nesse momento reparou na ampulheta de madeira pousada no chão, a pouca distância.

Quando também Lucia recuperou a consciência, enrolando-se à volta do corpinho do menino, o desconhecido falou, dirigindo-se apenas ao homem.

— Sei que o que te vou pedir é muito difícil, Nicola. Mas é necessário que mantenhas a calma. Dá-me a resposta que quero ouvir e tudo isto terminará em poucos minutos — disse ele, friamente, como se já tivesse repetido aquele discurso centenas de vezes.

Nicola perscrutou-o, confuso. Pensara que se tratava de um assalto: nas semanas anteriores, ouvira falar de vários roubos em apartamentos do bairro. Contudo, desconfiava que o desconhecido não estava interessado nos pertences da família.

*Nesse caso, em que estaria interessado?*, questionou-se, angustiado.

A câmara de vídeo continuava a captar todas as suas expressões.

— Daqui a alguns segundos vou virar a ampulheta. A partir desse momento, terás exatamente um minuto para tomar a tua decisão. Será uma escolha difícil, bem sei. Mas não haverá exceções. Sessenta segundos. É todo o tempo que terás. Nem mais um instante. Entendido?

*De que raio está ele a falar?*, perguntou-se o pai de família, perplexo.

Lucia lançou-lhe um olhar desesperado.

— Perguntei-te se entendeste — repetiu o agressor, apontando a arma à mulher.

Nicola anuiu com energia.

— Muito bem... Estou aqui para matar a tua mulher ou o teu filho.

Os membros da família Vincis empalideceram.

— Ou ela... ou ele — repetiu o indivíduo, movendo a pistola de Lucia para Lorenzo. — Tens um minuto para me dizer qual dos dois. Terminado o tempo, se não responderes mato ambos e deixo-te com vida. Depois, vou-me embora e nunca mais me vês.

Explicava tudo com clareza e simplicidade, quase como se estivesse a dar instruções de uma receita de cozinha, e não a anunciar um homicídio.

— Não faz sentido morrerem os dois, pois não? Então, escolhe. Ela ou ele?

É uma brincadeira, disse Nicola a si mesmo. Só pode.

Sorriu perante o absurdo daquelas palavras.

— Não, não há nenhum motivo para rir — disse o outro, irritado. — Falo muito a sério. Começa a pensar, porque estou quase a virá-la.

Lucia e Nicola tentaram soltar-se, mas em vão. *Hendrix*, que até àquele momento os observara, plácido, a mordiscar um biscoito deitado no chão, endireitou as orelhas e estudou-os, espantado. Cheirava a angústia dos donos.

O desconhecido virou a ampulheta: era um belo objeto de madeira de aspetto antigo, com a base redonda em três colunas, que continha duas ampolas de vidro com areia finíssima de cor púrpura. Os grãos começaram a acumular-se na outra extremidade. O desconhecido fixava-os, impassível. Parecia superior a qualquer emoção. Deixara aberta a porta de vidro que dava para a varanda.

A brisa fresca da noite contribuiu para deixar com pele de galinha a família à mercê daquele jogo cruel. Um quarto de lua observava-os, indiferente, no céu escuro.

— Aconselho-te a refletir bem na tua preferência em vez de olhares para mim. Acredita, isto não é uma brincadeira.

Com um impulso animal ditado pelo desespero, Nicola lançou-se contra o desconhecido, que, com um gesto firme e decidido, o empurrou outra vez para o chão. Encostou a boca do silenciador à testa do menino, para sufocar qualquer outra tentativa de revolta. O rapazinho fechou os olhos, aterrorizado. Lucia gemeu, a tremer ainda com mais violência.

— Trinta segundos — comunicou o homem, glacial. — Não desperdigues tempo precioso.

A mulher tentou captar a atenção do marido e, com o olhar, implorou-lhe que apontasse para ela: fosse o que fosse que estivesse prestes a acontecer, Lorenzo tinha de sobreviver. Era isto que gritavam os seus olhos marejados de lágrimas.

— Quarenta segundos.

O homem olhou para a mulher, depois para o filho, e, por fim, fitou o intruso. Nas pupilas dilatadas pelo pânico, uma interrogação ensurdecedora: porquê?

O outro não respondeu. Limitou-se a informá-lo dos segundos que passavam, implacáveis, marcados pelos grãos que se acumulavam no fundo da ampulheta.

— Cinquenta segundos.

Nicola Vincis fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, o último grão deslizou do vazio da ampulheta e assentou no montículo de cor púrpura.

— Acabou o tempo... Então, quem?

Lucia protegeu o corpo do filho com o seu, expondo-se em sua defesa, quase a querer exprimir a escolha que o marido não tinha coragem de fazer.

Mas o desconhecido continuava de olhos cravados no marido: cabia-lhe a ele decidir.

— Aponta para quem deve morrer. Caso contrário, mato os dois.

Nicola soluçou, mantendo-se dobrado sobre os joelhos, de cabeça baixa, carregado com um peso insuportável.

Lucia deu-lhe uma cotovelada, como que a querer sacudi-lo daquele impasse ditado pelo horror. Lançou-lhe um olhar doce, no qual estavam contidas todas as palavras que lhe queria dizer. Aquele olhar era a sua despedida.

O marido retribuiu o olhar, com o peito sacudido pelos soluços. As lágrimas caíam-lhe pelo rosto contraído.

— Ela? — perguntou o desconhecido.

Nicola anuiu.

O encapuzado premiu o gatilho. O disparo da pistola, amortecido pelo silenciador, fez Lucia estrelar-se no chão. O projétil acertou-lhe em cheio na testa, salpicando as paredes de sangue.

*Hendrix* sobressaltou-se, aproximou-se do corpo e começou a lambê-lo, depois a puxar a camisola da dona, como se pretendesse acordá-la daquele golpe de sono repentino.

Enquanto pai e filho se lançavam, desesperados, sobre o corpo sem vida de Lucia, histéricos e a gemer, o desconhecido levantou-se, observou-os durante alguns segundos, imóvel e em silêncio, como que para gravar na memória aquela imagem. Depois disse qualquer coisa ao pai de família. Em choque, Nicola nem sequer se apercebeu das palavras. Quando se recompôs do terror e se virou, o assassino já ali não estava.

Tão-pouco havia rastro do tripé nem da câmara de vídeo.

Ao lado da ampulheta, contudo, deixara uma tesoura.

Nicola virou-se e sondou os olhos enormes do filho.

Foi como se se afogasse lá dentro.